

## Mozambique: Sirvo o meu País

*Dietero Magul é oficial de campo da Malaria Consortium, do programa MICC (Manejo Integrado de Casos na Comunidade) na província de Inhambane, em Moçambique. Ele trabalha com as autoridades provinciais de saúde para apoiar o programa de saúde comunitária que têm vindo a decorrer há mais de 30 anos. A revitalização do programa pelo Ministério da Saúde iniciou-se em 2010, com agentes comunitários, denominados APEs em Moçambique, formados para diagnosticar e tratar três doenças infantis: malária, pneumonia e diarreia. Dietero viajou até à vila de Lindela, na província de Inhambane, para falar com Arnalda Micas Nhassengo sobre a sua experiência de trabalho como APE na sua comunidade rural.*

Arnalda cedo decidiu na sua vida, que queria canalizar as suas energias para ajudar o bem da comunidade, apesar dos desafios pessoais que tinha. Quando era mais nova, durante os anos em que a guerra civil afectou Moçambique, decidiu tornar-se voluntária na área da saúde.

Em 2011, tornou-se uma Agente Polivalente Elementar (APE), ou agente comunitário de saúde, através do programa APE. Providenciar cuidados de saúde tem sido um dos objectivos de vida de Arnalda. Apesar de estar a envelhecer, ela mantém-se firme e cheia de energia e determinação. “Agora eu sou marido e esposa, porque cuido dos meus filhos, da minha casa, trabalho na machamba e ainda faço trabalho domiciliário na minha comunidade. Trabalho numa comunidade grande que tem 3 povoações.”



*Agente de saúde voluntária, Arnalda, fora no seu posto de saúde em Inhambane, Moçambique*

Ser APE deu-lhe uma nova perspectiva da vida. Todos os dias, Arnalda segue uma rotina: *“Limpo a minha casa e vou trabalhar para a machamba. Dou de comer a minha família; tenho três filhos. Ultimamente, tenho tido tempo para fazer chamadas ao domicílio, que me permite visitar as famílias que não sabem como gerir doenças. O meu papel como APE permite usar o que aprendi na formação de APE, desde informar as famílias como manter a casa limpa até como fazer latrinas que sejam bem cobertas desde o topo.”*

Adicionando a promoção da saúde como prevenção de doenças, APEs como a Arnalda também recebem formação durante 4 meses em como diagnosticar e tratar doenças infantis comuns: malária, pneumonia e diarreia. Isto permite a Arnalda conduzir cuidados de saúde mais perto de casa, assegurando os mesmos, especialmente para uma comunidade que vive significativamente longe de qualquer unidade sanitária.

*“A formação que recebi tem sido muito útil – tem ajudado o meu saber. Antes disto, só sabia que existia a malária, tuberculose e HIV. Agora, aprendi sobre doenças respiratórias. Apesar de ainda ter dificuldade em providenciar tratamento porque não temos medicação suficiente, fazemos o nosso melhor para ajudar e encorajar as pessoas a irem a um centro de saúde quando não conseguimos providenciar tratamento.”*

*“Não perdi uma única criança que tratei com malária. Quando um parente traz uma criança doente a vomitar ou com diarreia, eu preparo uma mistura na altura e dou à criança. Se testo e verifico que a criança tem malária, dou a primeira dose de medicação aqui na minha casa. As crianças normalmente vêm com febres altas. Tenho um termómetro para verificar a temperatura alta. Se verifico que tem, começo por arrefecer o corpo da criança envolvendo-a com um pano molhado. Dou a medicação à criança e peço a mãe para continuar a dar os medicamentos até ao último dia. Depois têm de voltar a mim e dizer-me se a criança está melhor. Até agora, ninguém me disse que a criança não recuperou de um tratamento que eu dei. Se transfiro a criança para a unidade sanitária é porque não tenho a medicação correcta e adequada para ela.”*

Arnalda tem os conhecimentos necessários para continuar a trabalhar como APE, assim como tem a motivação e convicção. *“Irei continuar a trabalhar como APE até ao fim da minha vida, porque sou Moçambicana, e porque tenho de trabalhar para o meu país.”*

O programa MICC da Malaria Consortium em Moçambique, tem sido apoiado pela Agência Internacional de Desenvolvimento Canadano e pela Fundação Planet Weeler desde 2009. O apoio da Malaria Consortium inclui: recrutamento e formação de APEs para diagnosticarem e tratarem malária, pneumonia e diarreia apropriadamente; apoio nacional e local às sistemas de saúde para providenciarem supervisão e monitorização de actividades centradas nas comunidades assim como implementação de actividades de promoção de saúde para aumentarem a consciencialização da gestão e prevenção de malária, pneumonia e diarreia, dentro das comunidades.

Além de que, através da fundação Bill e Melinda Gates, a Malaria Consortium está a conduzir uma pesquisa em formas inovadoras para melhorar a motivação e o desempenho dos APEs. Esta iniciativa de pesquisa, o projecto inSCALE, pretende informar sobre a expansão de programas de agentes de saúde comunitários e dar apoio a estes programas para providenciarem acesso ao tratamento atempado e adequado para doenças infantis mais comuns em todo o mundo.